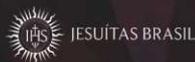


Cadernos
IHU *ideias*



ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
Ano 15 • n° 255 • vol. 15 • 2017



Mobilização e ocupações dos
espaços físicos e virtuais:
possibilidades e limites da reinvenção
da política nas metrópoles

Marcelo Castañeda

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



 UNISINOS

Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais:
possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles

*Mobilization and occupations of physical and virtual spaces:
possibilities and limits of reinventing politics in the metropolis*

Resumo

O artigo discute as relações que se tecem entre as tecnologias da internet e as práticas de revolta e indignação em contextos variados. O marco inicial se dá com o levante zapatista da selva de Chiapas, no México, que toma forma no primeiro dia do ano de 1994, inaugurando um ciclo de contestação da globalização hegemônica, e a chegada envolve compreender os processos de ocupação de escolas deflagrados por estudantes brasileiros, em especial nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, entre 2015 e 2016, tidos como continuidades das jornadas de junho de 2013. Através de participação observante em protestos de rua e hipóteses autotestadas em plataformas tecnológicas, como Facebook, Twitter, Youtube, Whatsapp e Telegram, o objetivo é partir das tecnologias da internet para melhor caracterizar os contextos de luta e revolta que se configuram no terceiro milênio.

Palavras-Chave: Mobilização; Ocupações; Espaços Físicos e Virtuais; Políticas; Metrópoles.

Abstract

The article discusses relationships between internet technologies and the practices of revolt and indignation in varied contexts. It starts from the Zapatista uprising of the Chiapas jungle in Mexico, which begins on the first day of 1994, inaugurating a cycle of contestation of hegemonic globalization, and reaches down to understanding the schools occupations set off by Brazilian students, especially in the states of São Paulo and Rio de Janeiro in 2015 and 2016, considered as continuities of the June 2013 demonstrations. Through observant participation in street protests and self-tested hypotheses on technological platforms such as Facebook, Twitter, Youtube, Whatsapp and Telegram, the goal is to start from Internet technologies to better describe the contexts of struggle and revolt in the third millennium.

Keywords: Mobilization; Occupations; Physical and Virtual Spaces; Politics; Metropolis.

Cadernos
IHU *ideias*

**Mobilização e ocupações dos espaços
físicos e virtuais: possibilidades e
limites da política nas metrópoles**

Marcelo Castañeda

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 15 • nº 255 • vol. 15 • 2017

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XV – Nº 255 – V. 15 – 2017

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Jéferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Fagion; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: MS Jéferson Ferreira Rodrigues

Imagem da capa: Geralt (Pixabay)

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Gustavo Guedes Weber

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003). – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .

v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

MOBILIZAÇÃO E OCUPAÇÕES DOS ESPAÇOS FÍSICOS E VIRTUAIS: POSSIBILIDADES E LIMITES DA REINVENÇÃO DA POLÍTICA NAS METRÓPOLES

Marcelo Castañeda

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Introdução

As tecnologias da comunicação e informação proliferaram ao longo do século XX, com destaque para o telefone, o rádio, a televisão e a internet, bem como o telefone celular. Em comum, o fato de todos esses desenvolvimentos tecnológicos serem aplicações de guerra (BARBROOK, 2009). Neste artigo, interessa explorar a internet como um termo que designa algo que se massifica no senso comum como uma tecnologia, mas pode ser visto como uma síntese para denominar um conjunto de tecnologias, práticas e contextos que se entrelaçam (MILLER et al., 2000) e não podem ser consideradas propriamente uma novidade na vida cotidiana das sociedades contemporâneas, constituindo um ecossistema midiático complexo (BIMBER et al., 2012).

Em uma análise específica do campo político baseada em ações empreendidas pela *Avaaz* – uma organização que deflagra campanhas transnacionais com intenso uso de tecnologias da internet materializando petições eletrônicas –, em minha tese de doutorado destaco a plasticidade como uma das características marcantes das tecnologias da internet: de um lado, a capacidade de se conformar ao uso de diferentes agentes que desempenham práticas em contextos variados; de outro, o fato de que essas tecnologias afetam as pessoas e os grupos que as usam, fazendo com que possam assumir diferentes papéis em governos, eleições e processos de mobilização, engajamento e participação que se configuraram nas sociedades contemporâneas, além de constituir um objeto de estudo que se modifica constantemente (CASTAÑEDA DE ARAUJO, 2014).

Neste artigo, não irei aprofundar qualquer dos contextos de luta que serão mobilizados. Essa falta de profundidade deriva tanto em função do espaço quanto da necessidade de reunir dados e detalhes que escapam ao propósito de enfrentar a seguinte questão: como máquinas, artefatos e aplicativos tecnológicos que remetem a uma miríade tecnológica (LA-TOUR, 2012) que são comumente relacionados de forma singular como “a” internet possibilitam um tipo de ação que pode ser definida como sociotécnica ou conectada (BENNET et al., 2012), viabilizando conexões entre pessoas que tentam perfazer uma espécie de contrapoder (CASTELLS, 2009, 2012)?

Ao enfatizar as tecnologias da internet em associações com práticas e contextos de revolta e indignação que se configuram ao redor do mundo, com especial atenção para o contexto brasileiro a partir de junho de 2013, o artigo visa contribuir para uma breve reflexão sobre as relações entre essas tecnologias com pessoas e grupos que desempenham performances de luta em uma esfera pública cada vez mais interconectada (SIMONON, 2007; BENKLER, 2006).

Deste modo, os aportes teóricos que mobilizo para abordar o recorte proposto servem tão somente para sinalizar alguns caminhos que dialogam com diferentes perspectivas. Trata-se de um empreendimento analítico dos contextos em jogo que mais ao fim do artigo abrirá questões para investigação futura. Os eixos teóricos se dividem em duas vertentes: primeiro, a dimensão global do capitalismo; segundo, a internet e as redes de comunicação e poder que se configuram nas sociedades contemporâneas em toda sua pluralidade.

No primeiro eixo, que pode ser tido como pano de fundo, destaca-se o novo espírito do capitalismo caracterizado por Boltanski e Chiapello (2009), que analisam as transformações que o capitalismo, visto como um entrelaçamento de atores políticos e econômicos com as estruturas burocráticas estatais e organismos transnacionais, empreendeu a partir da incorporação das críticas antidisciplinares dos anos 1960. Com a progressiva eliminação da hierarquia nas empresas como tendência em um mundo que se torna cada vez mais conexionalista com base no paradigma da rede, abre-se a possibilidade de vislumbrar formas mais fluidas e abertas que passam a internalizar o controle – que se faz autocontrole na medida em que cada nó da rede, ou indivíduo, passa a gerenciar sua empregabilidade. Neste mundo em rede, as tecnologias da internet se mostram como o lado material que possibilita a tessitura de relações que atravessam todas as esferas da vida, combinando autonomia e controle.

Tanto Lazzarato e Negri (2013) quanto Hardt e Negri (2004) mostram novas nuances neste quadro ao apontarem o trabalho imaterial co-

mo tendência da fase atual do capitalismo, na qual a reprodução de subjetividade se converte em objeto de exploração e captura por parte dos atores econômicos e políticos – e aqui se trata tão somente de um esquema, pois esses atores se imbricam – na medida em que se configura um biopoder imperial que se faz em relação dialética com uma multidão ambígua que tanto é carne das engrenagens capitalísticas, como pode se fazer contestação à nova dominação de tipo imperial.

Para terminar esse primeiro eixo que esboço, destaco as possibilidades de contestação que a multidão, vista como cooperação de singularidades que se auto-organizam, trazem um novo aporte para pensar o que Charles Tilly (1995) desenvolveu como repertório de ação coletiva. Ou seja, as formas pelas quais os grupos elegem alvos de protesto na esfera pública, adotando diferentes táticas que vão de manifestações de rua até a assinatura de petições, agora potencializadas em escala com as tecnologias da internet, como Castañeda de Araujo (2004) mostra em seu estudo sobre ação coletiva com a internet a partir da *Avaaz*.

No segundo eixo, procuro conferir materialidade no sentido literal do termo, a fim de que se possa falar nas tais revoltas conectadas que serão exemplificadas em diferentes momentos neste artigo. Com isso, a teoria do ator-rede desenvolvida por Bruno Latour (2012) defende que a análise sociológica compreenda também os elementos não humanos, em especial os objetos materiais, artefatos como as tecnologias da internet e seus suportes – telefones celulares, notebooks –, abrindo novas possibilidades analíticas e um desafio epistemológico no âmbito da sociologia.

A perspectiva que tenta entender simetricamente as relações entre as máquinas e humanos pode ser tida como um desdobramento da proposta tecida por Simondon (2007) sobre o modo de existência dos objetos técnicos ainda no final da década de 1950. Também Miller e Slater (2000) podem ser tidos como autores complementares à teoria do ator-rede por meio de uma abordagem da cultura material, na medida em que compreendem a internet como um conjunto de tecnologias, práticas e contextos que são acessados por pessoas ou grupos a partir de um local em particular.

Em perspectivas mais voltadas para generalizações, que são importantes com devida reserva de cuidado, encontra-se, de um lado, Castells (2009) ao analisar a formação de redes de comunicação e poder que são programadas e conectadas, estabelecendo relações entre poder e contra-poder; de outro, Bennett et al. (2012) desenvolvem a noção de lógica da ação conectada, que convive com a lógica da ação coletiva, propondo uma nova lente, mais complexa, que desse conta dos ambientes em rede

digitais que se formam com a expansão das tecnologias da internet e sua apropriação contínua por usuários.

Passa-se do uso do e-mail corporativo, em meados dos anos 1990, que foi importante para o neozapatismo, para a criação dos blogs e sites de redes sociais, estes tidos como actantes (LATOURET, 2012) nas lutas que se tecem a partir da Primavera Árabe, em 2011, incluindo o levante multitudinário de junho de 2013, que influencia o contexto das lutas atuais que se tecem no Brasil, a ser analisado neste artigo.

Na sequência, em três momentos apresento os casos empíricos derivados de um esforço de pesquisa que envolveu participação observante em manifestações de rua e entrevistas em profundidade no cenário brasileiro recente, a saber: (1) as tecnologias da internet nos contextos de luta; (2) junho de 2013 como acontecimento que entrelaça as ruas e redes brasileiras; e (3) as lutas atuais no contexto brasileiro até meados de 2016.

2. A internet nas lutas globais do terceiro milênio

As tecnologias da internet apresentam como característica marcante a plasticidade, que pode ser definida como capacidade de se configurar e reconfigurar mediante os diferentes usos e contextos culturais nos quais se insere. Como nesta seção me volto para os papéis que essas tecnologias desempenham em momentos específicos das lutas que se teceram em uma escala transnacional, apresento como ponto inicial o levante neozapatista que tomou forma no primeiro dia do ano de 1994 a partir da selva de Chiapas, no México, em oposição ao acordo de livre comércio das Américas, denominado NAFTA, bem como na demanda de autonomia territorial frente ao Estado mexicano.

Antoun (2001) sinaliza que o Exército Zapatista de Libertação Nacional – EZLN poderia ter sido facilmente esmagado pelos militares mexicanos se não conseguisse o apoio de uma rede de solidariedade que se formou com base em organizações não governamentais que atuavam na região. Por outro lado, Leetoy (2004) mostra que, por meio do uso de uma conexão discada à internet, essa rede conseguiu mobilizar atores internacionais a partir do envio de comunicados que alinhavam a luta em pauta na selva de Chiapas ao contexto global, que se ensaiava cada vez mais restritivo para as particularidades locais.

Schulz (2007) mostra que os comunicados assinados e escritos pelo lendário subcomandante Marcos muito bem podiam representar um rodízio entre muitas pessoas, e não um caso de genialidade ativista. Diretamente da Selva de Lancadona e levados por mensageiros à sede de or-

ganizações não governamentais, os comunicados eram encaminhados por e-mail para listas com composição de acadêmicos que propagavam a mensagem em rede, que repetidamente ganhava uma dimensão global. Isso possibilitava tanto a preservação e articulação do movimento neozapatista quanto a sua configuração como uma rede de guerra e um embrião de sociedade civil pluralista que se manteve, inclusive com a realização de dois encontros intergalácticos com a atração por enxameamento de pessoas e organizações de todo o mundo.

Não existe possibilidade de atribuir à internet um papel de determinação desses processos. Por outro lado, trata-se de não produzir sua não existência, ao mostrar que um conjunto de tecnologias da internet – que no caso do contexto em que se teceu a luta neozapatista envolvia principalmente conexão discada, computador de mesa e o e-mail corporativo que se conectava com listas organizadas de e-mail a propagar para novas frentes eletrônicas – contribuíram de alguma forma para esse arranjo de revolta e por isso podem ser vistas como um momento inicial para entender essas tecnologias nos contextos de luta que passam a se configurar (MARTINEZ-TORRES, 2001).

Antes de chegar ao ano de 2011, num salto temporal que visa marcar a plasticidade das tecnologias da internet, vale destacar o movimento antiglobalização, que tem nos protestos contra a reunião da Organização Mundial de Comércio - OMC em Seattle, no ano de 1999, seu momento de maior evidência. Wall (2007) aponta que essas tecnologias assumiram um papel diferenciado, tendo em vista que não atuavam apenas na comunicação dos acontecimentos, mas desempenharam um elemento importante na organização dessas ações e na articulação de ativistas que estavam espalhados pelo mundo, principalmente na Europa Ocidental e Estados Unidos, através da proliferação de listas de e-mail e sites específicos de frentes e movimentos que organizavam o protesto que ficou conhecido como a Batalha de Seattle.

Não se trata de dizer que não houve mais mobilizações com as tecnologias da internet. Para marcar a continuidade do movimento antiglobalização, todas as reuniões de cúpula do FMI e Banco Mundial foram acompanhadas de protestos que mantiveram o padrão de organização com as tecnologias da internet, ainda que não tivessem o mesmo sucesso de Seattle e fossem alvo de uma repressão policial intensa. Da mesma forma, o Fórum Social Mundial, que tem sua primeira edição em Porto Alegre (RS) no ano de 2000 com o mote “um outro mundo é possível”, com clara inspiração no neozapatismo, teve todo seu processo de articulação e organização baseado nessas tecnologias (ALCÂNTARA, 2009).

No entanto, vale destacar um novo ciclo de lutas que se forma a partir de janeiro de 2011 com a Primavera Árabe, os Indignados espanhóis do #15M e o Occupy Wall Street, que operam com as tecnologias da internet que passaram por uma série de transformações inovadoras a partir da década de 2000. Entre estas transformações, destaco o surgimento dos blogs e dos sites de redes sociais, possibilitando mais interações em uma escala mais individualizada, bem como artefatos como notebooks e os telefones celulares tidos como inteligentes (smarts), e infraestrutura material, que remete, entre tantas coisas, às conexões wireless e móveis com o 3G (CASTELLS, 2009).

Também Castells (2012) mostra como esses movimentos assumem uma forma de organização e mobilização que passa pelos fluxos das redes conectadas para a ocupação dos espaços públicos, em especial as praças, a fim de exprimir a indignação e revolta contra regimes autoritários, como no contexto árabe, ou políticas de austeridade e a própria democracia representativa, no caso da Europa Ocidental ou dos EUA. Se muitas análises supervalorizaram o papel das tecnologias da internet, torna-se inadequado pensar essas revoltas sem as tecnologias da internet, que permitem entender a configuração de uma ação sociotécnica que pode ser tida como um padrão que não modela, mas abre possibilidades de autonomia que sempre vêm acompanhadas de novas formas de controle.

Assim, me volto para o contexto brasileiro, que parecia não acompanhar esse ciclo mais recente de lutas sociotécnicas que classifico como revoltas conectadas. Mas eis que um conjunto de mobilizações de rua articuladas com a internet começa a se formar em 2013.

3. Ruas e redes: jornadas de junho

No início do ano de 2013, pairava um consenso em torno da ideia de um Brasil Maior que se posicionava entre as maiores economias do mundo com base em uma perspectiva neodesenvolvimentista que se assentava em megaeventos e megaprojetos tocados por empreiteiras, de um lado, e a emergência de uma nova classe média (NERI, 2010), de outro. Os índices de aprovação da presidente Dilma Rousseff (PT-RS) eram estratosféricos e sua reeleição era dada como certa. Como preliminar da Copa do Mundo que se realizou em 2014, a Copa das Confederações começara no mês de junho de 2013 e tinha tudo para se confirmar como o evento que atrairia as atenções de todos.

Entretanto, dando sequência a manifestações organizadas pelo Bloco de Lutas em abril na cidade de Porto Alegre (RS) contra o aumento das

tarifas dos ônibus, o Movimento Passe Livre – MPL iniciou uma série de manifestações, inicialmente autônomas, na cidade de São Paulo (SP), que começaram a reunir a presença de um crescente número de pessoas. Não vou traçar todos os processos que resultaram nas mais potentes manifestações populares da história brasileira, reunindo 12 milhões de pessoas no seu ápice em 20/06/2013, considerando todas as cidades que apresentaram manifestações nessa data.

O levante multitudinário de junho de 2013 ficou conhecido como “jornadas de junho”, tidas como inesperadas, ambíguas e multitudinárias, tendo conseguido uma vitória da mobilização que só não foi plena porque a redução das tarifas conseguida se deu, em grande parte, por meio de isenções fiscais das prefeituras, favorecendo as empresas que exploravam os serviços. Além disso, a pluralidade de pautas se somou à luta contra o aumento das passagens de ônibus que deflagrou o processo, em especial após a circulação midiativista de imagens de violência policial contra uma manifestação que aconteceu no dia 13/06/2013 na cidade de São Paulo, mas também em função de uma virada na cobertura da mídia corporativa, que passou a praticamente convocar para as manifestações seguintes nos dias 17 e 20/06/2013 e que o pedido de desculpas de Arnaldo Jabor simboliza bem.

Como as diferentes combinações entre tecnologias e agentes políticos conseguiram contribuir para este acontecimento que marcou a história e vem passando por sucessivas ressignificações, indo de uma “brecha democrática” aberta no consenso apontado no início desta seção, até ser visto como “ovo da serpente para uma ascensão conservadora” que teria contribuído decisivamente para o impeachment da presidente Dilma em 2016?

Não irei entrar na seara dos diferentes significados de junho de 2013, o que deveria ser objeto de uma tese específica, mas destaco que um elemento importante da relação entre as tecnologias e os grupos que faziam parte da composição multitudinária do levante era a presença do aplicativo Whatsapp, de envio de mensagens instantâneas, bem como de sites de redes sociais, em especial o Facebook mas também o Twitter, como parte importante da vida cotidiana de parcela significativa da população, em especial as camadas médias, mesmo as mais precarizadas.

Essa presença tecnológica foi um fator importante para se deflagram as mobilizações em convocações de movimentos sociais e grupos singulares de ação política usando o ambiente configurado pelo Facebook a partir da ação do MPL em São Paulo, que foi perdendo centralidade na medida em que a mobilização assumia um caráter monstruoso e incontrolável.

O Facebook não deve ser analisado no singular, pois corresponde a um conjunto de tecnologias que se associam a práticas desempenhadas em determinado contexto. Trata-se, então, de uma pluralidade de ambientes que se entrecruzam ou estabelecem conexões. A plasticidade da internet nos leva a apontar que os Facebooks que se configuram entrelaçados em 2016 não são os mesmos de junho de 2013. Particularmente, parece que aumentaram os constrangimentos aos fluxos de ação sociotécnica, tais como restrições ao número de convites enviados por evento e as mudanças operadas nos algoritmos que selecionam o que e quantos perfis podem visualizar e acessar determinadas postagens. Consequentemente isso diminui a capacidade de mobilização, e a própria agência sociotécnica tende a conservar mais do que transformar em um cenário de ação coletiva.

Nessas mobilizações o site de rede social Facebook desempenhou papel decisivo, enquanto o Twitter foi decisivo nos contextos de luta que tiveram grande destaque no ano de 2011 no cenário global, apresentados na seção anterior. Evidente que esses sites convivem entre si e com outros, como o Youtube, que é uma plataforma importante para a disseminação de vídeos. Existe então uma série de tecnologias interagindo a ponto de podermos destacar que dificilmente as manifestações em junho de 2013 engajariam tantas pessoas ao longo dos dias que corriam sem que essas tecnologias agissem como actantes, que é uma denominação genérica para os elementos não humanos, em conjunto com grupos específicos de atores e agentes políticos que assumem uma figuração definida, configurando o que Latour (2012) chamaria de coletivos heterogêneos em um processo de enredamento contínuo, incompleto e, por isso, aberto. Isso não quer dizer que houve uma determinação tecnológica, mas uma composição ou montagem específica entre humanos e não humanos que se articularam nos contextos de luta em questão.

Esse aspecto das materialidades ganha importância no campo em formação do midiativismo que Castañeda (2016) entende a partir das práticas de transmissão de atos usando telefones celulares, aplicativos específicos (como *Twitcasting*) e conexão 3/4G, ou mesmo o registro técnico de fotos e vídeos que podem ser editados e compostos para serem propagados em rede, especialmente nos sites de redes sociais. São pessoas, organizadas ou não em coletivos, que filmam policiais e tentam mudar a narrativa da mídia corporativa através de composições sociotécnicas que envolvem uma miríade de tecnologias que caracterizam uma espécie de gambiarra.

As tecnologias da internet desempenharam um papel importante, se não fundamental, para que as manifestações de junho de 2013 tomassem

a forma potente que as colocaram como um divisor de águas, para o bem e para o mal. Na sequência de junho de 2013, o Rio de Janeiro constituiu o contexto de luta mais importante, tendo uma mobilização constante que voltou a ter magnitude em outubro de 2013, em uma articulação entre professores e segmentos da sociedade civil, a partir da repressão da polícia sobre professores que lutavam pelo Plano de Cargos e Salários, a qual durou quinze dias, reunindo 100 mil e 50 mil pessoas, nos dias 7 e 15/10/2013.

Nessa data, uma forte repressão policial deteve mais de 70 pessoas, e desde então as manifestações começaram a diminuir, tendo um golpe fatal com a morte do cinegrafista Santiago Andrade em meio a um cenário de conflito entre a polícia e manifestantes. Com a Copa do Mundo e as eleições de 2014, a fase de mobilização pode ser descrita, de forma figurada, como um deserto das lutas em meio a uma representação política institucional apodrecida.

A seção final procura caracterizar a fase atual, que envolve as tecnologias nos contextos de luta que se tecem a partir de 2015, com algumas questões abertas e sem conclusão.

4. O deserto da representação e o pós-junho-2013: abrindo um final

Em uma lâmina institucional relacionada com o que se entende como “grande política”, o deserto da representação é uma figura que remete à intensificação da polarização que levou ao impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT-RS) no último dia de agosto de 2016. Ou seja, um processo que começou com manifestações anti-Dilma, organizadas por grupos que se inspiravam nas táticas adotadas em junho de 2013 pelo MPL de forma autônoma, com a diferença de que foram financiados e cooptados por partidos políticos, em especial PSDB e PMDB, os quais deferiram o destacado golpe parlamentar-jurídico-midiático que alçou Michel Temer (PMDB-SP) à presidência.

Entre esses grupos se destacavam o “Vem pra rua”, o “Revoltados On Line” e o “Movimento Brasil Livre - MBL”, todos estruturados a partir de páginas no Facebook, sendo que este último traz uma espécie de marketing invertido do MPL, tendo em vista que troca uma letra e trabalha com uma simbologia do verde e amarelo da bandeira brasileira. Esse conjunto tomou a Avenida Paulista em 15/03/2015 com um número expressivo de pessoas, algumas saudosas da ditadura militar, que conviviam pacificamente com policiais militares para reforçar uma hashtag #ForaDilma.

Houve a repetição desse padrão nos meses de abril e agosto do mesmo ano, nem sempre com a mesma presença, mas sempre massivo

e aos domingos, aproveitando o fechamento da Avenida Paulista – a ênfase em São Paulo se dá por ter sido o epicentro desse processo, talvez pela participação ativa de entidades empresariais, como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - Fiesp, sendo que as manifestações aconteciam, em menor escala, em todas as capitais, mostrando uma estratégia articulada.

Esse polo representa o achatamento de junho de 2013 à direita, mas o contraponto achatado à esquerda se fez como “luta pela democracia” com a hashtag #NãoVaiTerGolpe e a evocação de uma identidade vermelha que não conseguiu contaminar a sociedade, nem evitar a saída do PT do arranjo que ficou treze anos à frente do governo federal, o que, entre tantas possibilidades, reflete o esgotamento do modelo petista de governabilidade pela conciliação de classes.

O aspecto conectado dos dois processos polarizados de achatamento do levante multitudinário de junho de 2013 descritos até aqui pode ser percebido no uso intenso das tecnologias da internet: memes, fotos e vídeos propagados em sites de redes sociais, transmissões das manifestações e disputas de narrativas que se espalharam pelos fluxos mais politizados que se configuram em ambientes socio-técnicos que estruturam a sociabilidade e o cotidiano, mas sem criar quaisquer pontes entre esse sistema político descolado, nem qualquer preocupação com a participação daqueles que se encontram entre os polos conformados, aprofundando a crise da representação de um sistema político que se fecha cada vez mais para se preservar e deflagra uma multiplicidade de crises, tais como a econômica, a metropolitana, a ambiental, entre tantas que podem ser citadas.

As tecnologias parecem ter criado bolhas de afinidade, em especial pela ênfase no uso do Facebook como plataforma de comunicação, com uma larga vantagem para o polo tido como conservador, de direita, o que se materializou na deposição da presidente Dilma quando analisamos as votações na Câmara e no Senado, que remetiam à “vontade da população” que rejeitava fortemente o governo Dilma, o que não justifica o afastamento da forma como foi feito, com uma motivação política que remete ao parlamentarismo, tendo em vista que ficou dúbio se houve ou não o tal crime de responsabilidade.

No entanto, para além do deserto da representação, uma lâmina das lutas que se tecem na sociedade teve destaque a partir de meados do segundo semestre de 2015 e trouxe aberturas que podem ser tidas como linhas de fuga derivadas de junho de 2013. Isso configurou novas lutas que surgem com pautas específicas e intenso uso de tecnologias da internet, com destaque para fotos e vídeos que se propagam

em sites de redes sociais, bem como a convocação de atos de rua que começam a acontecer a partir de setembro com a hashtag #PrimaveraFeminista. Esta foi protagonizada pelas mulheres que combatiam as pautas conservadoras de Eduardo Cunha (PMDB-RJ), então polêmico presidente da Câmara dos Deputados, que acatou o pedido de impeachment da presidente Dilma Rousseff e foi cassado depois do afastamento da mesma, com destaque para a questão do aborto que estava em discussão.

A mobilização das mulheres passou da potência para latência quando o processo de impeachment foi deflagrado, mas os estudantes secundaristas paulistas passaram a protestar nas ruas contra a medida de reorganização escolar anunciada pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB-SP). A partir de novembro começaram um movimento de ocupação das escolas que contabilizou em torno de 200 escolas, todas se comunicando em rede com aplicativos como Whatsapp e Telegram. Também passaram a alimentar páginas de Facebook de cada ocupação e perfis no Twitter, com destaque para @ocupaescola, configurando um tipo de ação sociotécnica que combinava as tecnologias com táticas que se delineavam em um repertório de ação, tais como ocupações, manifestações, aulas públicas com fechamento de vias públicas que levaram à derrota do projeto do governador.

Os estudantes secundaristas paulistas se inspiraram na experiência chilena e influenciaram um vigoroso movimento de ocupação de escolas que, a partir de fevereiro de 2016, foi retomado no Rio de Janeiro, tendo passado por São Paulo, num outro momento, bem como Ceará, Paraná e Rio Grande do Sul com mais força. Assim conseguiram conquistar uma série de acordos locais que se tornam potentes por refletir reivindicações desses estudantes que foram atendidas pelos governos estaduais, envolvendo melhorias na infraestrutura das escolas, participação democrática nos processos decisórios e escolha dos diretores. Trata-se, a meu ver, do segmento mais potente do contexto de lutas atuais na esfera pública interconectada que se tece no Brasil.

Como parte das fronteiras atuais das lutas que se fazem com as tecnologias da internet, chamo atenção para um terceiro campo, além do feminismo e dos secundaristas, que remete às favelas e “quebradas”. No Rio de Janeiro, coletivos midiativistas como o Papo Reto, por exemplo, que atua no Complexo do Alemão, empreendem ações de registro técnico em vídeos, fotos e texto envolvendo denúncias de violência policial e desrespeito aos direitos humanos por parte do Estado, que deveria proteger os moradores. Por outro lado, existe uma série

de articulações comunitárias que trazem potencial de mobilização dos pobres e pretos, como o Fórum Social de Manguinhos, e iniciativas surpreendentes, como o aplicativo Nós por Nós, para denúncias de violações policiais.

Por fim, ficam duas questões com as quais vale perseguir os desdobramentos do que construí até aqui, permitindo verificar continuidades e descontinuidades em relação aos imbricamentos sociotécnicos que se montam e desmontam:

- (1) como organizar, na lâmina das lutas que se tecem na sociedade, ações específicas que articulem nós de rede que produzam novas associações em um mundo cada vez mais conectado para que um sistema político institucional se torne poroso às demandas da sociedade civil?
- (2) De que maneira as tecnologias da internet abrem possibilidades e trazem constrangimentos para práticas indignadas e revoltadas em contextos que se configuram em diferentes escalas, do local ao global?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, Ana Roberta Vieira de. *A internet e o Fórum Social Mundial*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009.
- ANTOUN, Henrique. A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura. In: FRANÇA, Vera, WEBER, Maria Helena, PAIVA, Raquel e SOVIK, Liv. *Livro do XI COMPÓS*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- BARBROOK, Richard. *Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global*. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- BENNETT, W. Lance & SEGERBERG, Alexandra. The logic of connective action. *Information, Communication & Society*, 15:5, 739-768, 2012.
- BIMBER, Bruce; FLANAGIN, Andrew J. & STOHL, Cynthia. *Collective action in organizations: interaction and engagement in a era of technological change*. New York: Cambridge University Press, 2012.
- BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Eve. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CASTAÑEDA, Marcelo. Mídiaativismo: tecnologias, práticas e contextos nas lutas do Rio de Janeiro. *XXX Reunião Brasileira de Antropologia*. João Pessoa: UFPB, 2016.
- CASTAÑEDA DE ARAUJO, Marcelo. *Ação coletiva com a internet*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, 2014.
- CASTELLS, Manuel. *Communication power*. New York: Oxford University Press, 2009.
- _____. *Networks of outrage and hope: Social Movements in the Internet Age*. Cambridge/Malden: Polity Press, 2012.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LATOURE, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.
- LAZZARATO, Maurizio & NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.
- LEETOY, Salvador. *La guerra ideológica en el ciberespacio: La conformación de redes sociales en Internet como estrategia de propaganda en el conflicto Zapatista en Chiapas*. Reunión 2004 de la Asociación de Estudios Latinoamericanos (Latin American Studies Association, LASA), Las Vegas, Nevada Octubre 7-9, 2004.
- MARTINEZ-TORRES, Maria Elena. Civil Society, the Internet, and the Zapatistas. *Peace Review: A Journal of Social Justice*, 13:3, 347-355, 2001.
- MILLER, Daniel & SLATER, Don. *The internet: an Ethnographic Approach*. New York: Oxford International Publishers, 2000.
- SCHULZ, Markus S. *Novas mídias, mobilização transnacional e as reestruturas das esferas públicas*. Civitas, Vol. n. 2, 108-128, Porto Alegre, 2007.
- SIMONDON, Gilbert. *El modo de existência de los objetos técnicos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

TILLY, Charles. Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834. In: TRAUGOTT, Mark (ed.). *Repertoires and Cycles of Collective Action*, Duke University Press, 1995.

WALL, Melissa A. *Social movements and email: expressions of online identity in the globalization protests*. *New Media Society* 9: 258-277, 2007.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
- N. 03 *O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 04 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 05 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 06 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 07 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 08 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 09 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 10 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 11 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Édison Luis Gastaldo
- N. 12 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 13 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 14 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 15 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 16 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 17 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 18 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 19 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 20 *Os donos do Poder, de Raymond Faoro* – Helga Irace-ma Ladgraf Piccolo
- N. 21 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 22 *Construindo novos caminhos para a intervenção sociotária* – Lucilda Selli
- N. 23 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 24 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 25 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 26 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 27 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 28 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 29 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 30 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 31 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 32 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 33 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Muskopf
- N. 34 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 35 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 36 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 37 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Airton Luiz Jungblut
- N. 38 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 39 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 40 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 41 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 42 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 43 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 44 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leister, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 45 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 46 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 47 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brand
- N. 48 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 49 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 50 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 51 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 52 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 53 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
- N. 54 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 55 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 56 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 57 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 58 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívil* – Serge Latouche
- N. 59 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 60 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 61 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 62 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 63 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman

- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missionária colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marín Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premevida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, temo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janelas: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentí Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Pettele
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins

- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstroem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaikowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmiento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Máio Francis Petry Londero e Simone Mainien Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsmán e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente, solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci

- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Eilul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 *Paragua: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevilan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Iturriet Avila e João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleraçionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo* – Dora Lília Marin-Diaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Vigida: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinícius Nastro Honeško
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakozi Kashindi



Marcelo Castañeda. Cientista Social. Bolsista de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Doutorado (2014) e Mestrado (2010) em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela UFRRJ. Graduado em Ciências Sociais pela UERJ (2005). Tem experiência nas áreas de Metodologia/Epistemologia, Antropologia e Sociologia, com ênfase em ação política, tecnologia e consumo, voltando-se para os seguintes temas em trabalhos realizados ou em andamento: ação coletiva, internet, novas tecnologias da informação e comunicação, meio ambiente, alimentação, cultura material, desigualdades, direitos humanos e violência.

Algumas publicações

CASTAÑEDA, Marcelo. *As manifestações de 2013: imbricamentos sociotécnicos e perspectivas*. In: CAVA, Bruno; COCCO, Giuseppe (Org.). *Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou*. São Paulo (SP): Annablume, 2014, p.107-118.

_____. *Beyond Social Stratification: A new Angle on Consumer Practices in Contemporary Brazil*. In: PEILIN, Li; GORSHKOV, M.K; SCALON, Celi; SHARMA, K.L. (Org.). *Handbook on Social Stratification in the Bric Countries*. Toh Tuk Link: World Scientific Publishing Co., 2013, p.595-610

_____. *Mobilização política por e-mail: uma análise da Avaaz como ator-rede*. Revista Cosmopolítica, v. 5, p. 31-56, 2015.

_____. *Ambientalização e politização do consumo nas práticas de compra de orgânicos*. Caderno CRH (UFBA. Impresso), v. 25, p. 147-160, 2012.

_____; SCALON, C. *A visão dos participantes de projetos sociais sobre o papel do Estado e das ONGs*. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 4, p. 443-460, 2014.

_____; Fátima Portilho; Castro, Inês Rugani Ribeiro de. *A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade*. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso), v. 16, p. 99-106, 2011.

Outras contribuições

CASTAÑEDA, Marcelo. *O esgotamento da esquerda institucional. “É preciso reconhecer a derrota sem se sentir derrotado”*. Entrevista especial publicada por IHU On-Line, em 04 de Novembro de 2016. Disponível em: <https://goo.gl/PdLfxR>.

_____. *Um impeachment a serviço de governos, empresas e partidos*. Entrevista especial publicada por IHU On-Line, em 13 Dezembro 2015. Disponível em: <https://goo.gl/TDeq5W>.

_____. *Crise política: não há disputa. Há uma composição*. Entrevista especial publicada por IHU On-Line, em 18 de Agosto de 2015. Disponível em: <https://goo.gl/9jlyNh>.

_____. *Crise política brasileira: da ideia de golpe ao fortalecimento do “menos pior”*. Revista IHU On-Line, n. 461. [23/03/2015]. Disponível em: <https://goo.gl/OQcWuC>. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

_____. *As manifestações dos dias 13 e 15 de março. Polarizações desérticas*. Entrevista especial publicada por IHU On-Line, em 09 de Março de 2015. Disponível em: <https://goo.gl/qWnlmc>.

_____. *O mal-estar nas metrópoles continua*. Entrevista especial publicada por IHU On-Line, em 31 de Julho de 2014. Disponível em: <https://goo.gl/oepnFw>.



UNISINOS